

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/multi.v28i70.3976>
Recebido em: 23/02/2023; aprovado para publicação em: 28/03/2023

O precursor do *horsemanship*: análise comparativa de métodos descritos por Xenofonte com métodos contemporâneos de treinamento

The precursor of horsemanship: comparative analysis of methods described by Xenofonte with contemporary training methods

El precursor del horsemanship: análisis comparativo de los métodos descritos por Jenofonte con los métodos de entrenamiento contemporâneos

Fernando Jahn Bessa¹
Syllas Jadach Oliveira Lima²
Denise Pereira Leme³

¹Mestre em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Major da Polícia Militar de Santa Catarina.
E-mail: fjbessa@hotmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-6114-6802>

²Especialista em Neurociência aplicada à Educação, pela Universidade Anhembi-Morumbi, São Paulo, SP. Especialista no método de reabilitação global por meio do cavalo, área lúdico desportiva, ANIRE, Itália. Major da Polícia Militar do Estado de São Paulo. **E-mail:** syllas_jadach@hotmail.com,
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1078-0755>

³Doutora em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual Paulista Júlia de Mesquita Filho, Botucatu, SP. Docente do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal de Santa Catarina e coordenadora do núcleo de Equideocultura e bem-estar de Equinos (NEBEq) do laboratório de Etologia e Bem-estar Animal (LETA) da UFSC. **E-mail:** denise.leme@ufsc.br,
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9850-6979>

Resumo: A ancestralidade dos métodos, das técnicas e dos equipamentos, empregados na equitação é alvo de preocupação para os adeptos do bem-estar animal. Normalmente, quando buscadas na literatura referências antigas, elas estão em desacordo com esta temática. Xenofonte, criticado e reverenciado por muitos, foi o célebre autor de um dos primeiros tratados sobre equitação que se tem notícia na história. Em sua obra intitulada *Peri Hippiques*, Xenofonte abordou variados temas relacionados ao cavalo, porém revelou uma perspectiva já com destaque para boas relações humano-cavalo, mais comum hoje em dia do que em um período em que essas relações eram bastante violentas e normatizadas. Neste trabalho, foram comparadas sete passagens de sua obra, com foco na temática do treinamento, com a literatura científica contemporânea, discutindo se Xenofonte estava correto ou incorreto em suas afirmações, as quais têm como fundamento conceitos de bem-estar animal nas relações humano-cavalos.

Palavras-chave: Xenofonte; treinamento; cavalos; boas relações; relação humano-cavalo.

Abstract: The ancestry of the methods, techniques and equipment used in horse riding is a matter of concern for those protected by animal welfare. Usually, when old references are sought in the literature, they are at odds with this theme. Xenophon, criticized and revered by many, was the famous author of one of the first treatises on horsemanship in history. In his work entitled *Peri Hippiques*, Xenophon addressed various themes related to the horse, but revealed a perspective already emphasizing good human-horse relations, more common nowadays than in a period in which these relations were quite violent and standardized. In this work, seven steps of his work were detected, focusing on the theme of training, with contemporary scientific literature, discussing whether Xenophon was correct or incorrect in his statements which are based on concepts of animal welfare in human-horse relations.

Keywords: Xenophon; training; horses; good relations; human-horse relationship.

Resumen: La ancestralidad de los métodos, las técnicas y los equipos utilizados en la equitación es motivo de preocupación para los protegidos por el bienestar animal. Por lo general, cuando se buscan referencias antiguas en la literatura, estas están en desacuerdo con este tema. Xenofonte, criticado y venerado por muchos, fue el famoso autor de uno de los primeros tratados sobre equitación de la historia. En su obra titulada *Peri Hippiques*, Xenofonte abordó varios temas relacionados con el caballo, pero reveló una perspectiva que ya enfatizaba las buenas relaciones humano-caballo, más comunes hoy en día en un período en el que estas relaciones eran bastante violentas y estandarizadas. En este trabajo, se detectaron siete pasos de su obra, enfocando el tema del entrenamiento, con la literatura científica contemporánea, discutiendo si Xenofonte estaba en lo cierto o no en sus afirmaciones basadas en conceptos de bienestar animal en las relaciones hombre-caballo.

Palabras clave: Xenofonte; capacitación; caballo; buenas relaciones; relación humano-caballo.

1 INTRODUÇÃO

Xenofonte (430-355 a.C.) foi um militar, historiador e filósofo ateniense que escreveu uma obra fundamental para a análise das relações que os antigos gregos mantiveram com os cavalos: *A arte do horsemanship (Peri Hippiques)*. Neste manual, desenvolvido para a evolução da cavalaria ateniense, ele descreve sobre a arte de se relacionar com os cavalos, sobre a seleção de cavalos, os cuidados, o uso de equipamentos, as instalações e o treinamento, com foco na psicologia do cavalo. Xenofonte já reconhecia a necessidade da boa relação humano-cavalo para o sucesso do treinamento do animal.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram escolhidas sete situações dentro da obra de Xenofonte em que o tema ‘treinamento’ é abordado: 1) Associar comida, bebida e ausência de irritação à presença humana; 2) o comportamento do potro pode ser moldado, para criar um animal amável, tratável e carinhoso; 3) acostumar o potro a ruídos, sons, presença de multidões e estímulos visuais, sem que haja crueldade; 4) atuar com pressão e alívio; 5) não forçar o cavalo a enfrentar objetos desconhecidos e não chicotear ou bater, pois o animal associa o objeto à dor, mas conduzir o cavalo suavemente e mostrar para ele o objeto; 6) regra de ouro, sobre evitar treinadores que expressam raiva diante dos cavalos; 7) “Quando o cavalo faz o que desejas, agrada-o; quando é desobediente, castiga-o”.

Xenofonte tinha a clara noção de que as relações com os cavalos tinham de ser positivas. Ao assumir esta posição e expressar, de forma contundente, a necessidade de um olhar para o comportamento equino no sucesso para o treinamento, Xenofonte se colocou muito à frente de seu tempo, pois sua sociedade era marcada por relações muito violentas para com os cavalos.

As mudanças de conceitos e a aquisição de novos conhecimentos no campo da ética, do bem-estar animal e da aprendizagem animal são muito recentes e surgiram apenas após a segunda metade do século XX. Ainda que existam lacunas e falhas em sua obra, como, por exemplo, pressupor capacidades mentais superiores aos cavalos, como a tomada de decisão para a obediência ou desobediência em treinamento, algo não comprovado pela ciência, os escritos de Xenofonte são extremamente relevantes. O

objetivo deste artigo foi saber se algumas técnicas relatadas pelo estudioso encontram respaldo nos métodos contemporâneos de treinamento, com base na ciência moderna.

2 METODOLOGIA

O autor realizou levantamento bibliográfico sobre as relações humano-equinos na Antiguidade Clássica Grega. Foram empregadas análises multivariadas, seguindo metodologia de pesquisa qualitativa descrita por Bengtsson (2016). Inicialmente, a obra de Xenofonte intitulada *A arte do horsemanship* foi lida e, em seguida, foi realizada nova leitura para sua descontextualização, originando temas individualizados. Foram escolhidas sete técnicas relacionadas ao treinamento, com enfoque nas boas relações humano-cavalo. As sete técnicas estão descritas a seguir, no Quadro 1:

Quadro1 – Sete técnicas relacionadas ao treinamento, da obra de Xenofonte

I – Associar comida, bebida e ausência de irritação à presença humana.
II – Comportamento do potro pode ser moldado, para criar um animal amável, tratável e carinhoso.
III – Acostumar o potro a ruídos, sons, presença de multidões, estímulos visuais, sem que haja crueldade.
IV – Atuar com pressão e alívio.
V – Não forçar o cavalo a enfrentar objetos desconhecidos e não chicotear ou bater, pois o animal associa o objeto à dor. Conduzir o cavalo suavemente e mostrar para ele o objeto.
VI – Regra de ouro. Evitar treinadores que expressam raiva diante dos cavalos.
VII – “Quando o cavalo faz o que desejas, agrada-o; quando é desobediente, castiga-o”

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dessa seleção, foram feitas buscas de literatura científica no Google Acadêmico, utilizando as seguintes palavras-chave: *horse(s)*, *equine*, *training*, *horsemanship*, *equitation*, *equitation science*, *learning theory*, *welfare*, *apparatus*, *equipment*, *ethology*, *behaviour*, *conditioning*. Tais termos vieram de artigos disponíveis desde 2005, quando o termo *Equitation Science* foi criado (Mcgreevy, 2007). Cada artigo encontrado foi lido para

seleção, de forma que pelo menos uma das sete técnicas de Xenofonte pudesse ter fundamentos comparativos dentro daquele estudo científico. Inicialmente, cada técnica de Xenofonte foi classificada quanto ao amparo científico na atualidade (sim/não).

Em seguida, de acordo com Bergtsson, os temas foram recontextualizados e compilados para discussão e compreensão de rupturas ou continuidade das práticas de Xenofonte, de forma a investigar se tais práticas encontraram ou não justificativa científica para ainda serem aplicadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Quadro 2, estão discriminados os temas individualizados (técnicas), a prática descrita na obra de Xenofonte, se a respectiva técnica encontra respaldo científico e a(s) referência(s) relacionadas ao tema.

Quadro 2 – Tabulação dos dados das técnicas descritas por Xenofonte, em contraste com ciência atual

Área	Prática	Base científica (SIM/NÃO)	Referência
Técnicas para treinamento	Associar comida, bebida e ausência de irritação à presença humana	Sim	Sankey <i>et al.</i> (2010a), Boot e Mcgreevy (2013), Ellis e Greening (2016), Sankey <i>et al.</i> (2010b) e Lansade <i>et al.</i> (2021).
Técnicas para treinamento de potros	Comportamento do potro pode ser moldado, para criar um animal amável, tratável e carinhoso	Sim	Lansade <i>et al.</i> (2005), Grasso <i>et al.</i> (2005), Hausberger (2008) e King <i>et al.</i> (2019).
Técnicas para treinamento de potros	Acostumar o potro a ruídos, sons, presença de multidões, estímulos visuais, sem que haja crueldade	Sim	Christensen (2013) e Christensen <i>et al.</i> , 2011

Área	Prática	Base científica (SIM/NÃO)	Referência
Técnicas para treinamento	Atuar com pressão e alívio	Sim	Mclean e Christensen, (2017) e Fenner <i>et al.</i> (2019).
Técnicas para treinamento	Não forçar o cavalo a enfrentar objetos desconhecidos e não chicotear ou bater, pois o animal associa o objeto à dor. Conduzir o cavalo suavemente e mostrar para ele o objeto	Sim	Waran, Mcgreevy e Casey (2002), Gorecka <i>et al.</i> (2007), Mcgreevy e Mclean (2009) e Schmidek (2018).
Perfil do treinador	Regra de ouro. Evitar treinadores que expressam raiva diante dos cavalos	Sim	Fureix <i>et al.</i> (2009), Wathan <i>et al.</i> (2016), Nakamura <i>et al.</i> (2018), Smith <i>et al.</i> (2018) e Lansade <i>et al.</i> (2021).
Técnicas para treinamento	“Quando o cavalo faz o que desejas, agrada-o; quando é desobediente, castiga-o”	Sim	Waran, Mcgreevy e Casey (2002) e Mcgreevy e Mclean (2009).

Fonte: Elaborado pelo autor

4 ANÁLISE DAS SETE TÉCNICAS DESCRITAS POR XENOFONTE EM CONTRASTE COM A CIÊNCIA ATUAL

4.1 Associar comida, bebida e ausência de irritação à presença humana

Esta afirmação gera dupla interpretação. Uma possibilidade que emerge da análise desta frase é a da criação de restrições para condicionamento do animal, enquanto ausente da presença humana. O fornecimento de poucas refeições, apenas na presença do treinador, poderia ser uma técnica utilizada na época em que Xenofonte escreveu seu manual. Isso,

sob o prisma das boas relações e do bem-estar animal, é péssimo, além de ser muito perigoso para a saúde, se pensarmos em restrições de natureza alimentar e todas as possibilidades nefastas que essa prática pode causar (Boot; Mcgreevy, 2013). A supressão de alimentação é definida como punição negativa (Mcgreevy; Mclean, 2009).

No caso específico de proporcionar momentos prazeros para os animais quando em contato com os seres humanos, a medida é muito interessante. A própria linguagem utilizada por alguns proprietários para lidar com seus animais de estimação, com alteração do timbre, utilização de diminutivos, usada também por alguns para interagir com bebês humanos, é fator de promoção de relações de qualidade. Em um estudo realizado sobre o tema, pesquisadores concluíram que os cavalos que eram tratados com esse estímulo demonstraram mais atenção, olharam mais para a pessoa que se comunicava desta forma e se moveram menos durante uma atividade que consistia em coçar os animais com os dedos (Lansade *et al.*, 2021). A promoção reiterada de boas relações pode levar, ainda, à criação de memórias positivas em cavalos, é o que aponta o estudo no qual foram avaliados cavalos treinados com reforço positivo, que consistia em recompensa alimentar, e cavalos que não recebiam recompensa (Sankey *et al.*, 2010a). A criação de uma situação de aprendizagem positiva influenciou tanto a aprendizagem como o comportamento durante o treinamento. O vínculo positivo criado pelas recompensas foi capaz de criar uma memória de longo prazo da relação com humanos, sedimentar o vínculo específico com treinador e trazer evolução para o aprendizado e memorização da tarefa tratada no treinamento. A memória positiva em relação aos seres humanos foi estendida às pessoas estranhas (Sankey *et al.*, 2010a). O desempenho de animais que recebem reforços positivos de natureza alimentar também é superior quando comparado com reforços como tapinhas ou carícias (Ellis; Greening, 2016). É possível que esse estímulo tátil não seja percebido de maneira suficientemente positiva pelos animais (Sankey *et al.*, 2010b).

Assim, o uso a comida como recompensa em forma de petisco, para reforço positivo, tem sido utilizada em treinamentos de equinos, mas a restrição de comida e água, necessidades básicas, para vulnerabilizar os

cavalos antes de treinamentos, é uma prática condenada pela sociedade, sendo considerada maus-tratos.

4.2 Comportamento do potro pode ser moldado, para criar um animal amável, tratável e carinhoso

Esta afirmação encontra respaldo na ciência. Cada vez mais, a prática vem sendo desenvolvida por criadores e treinadores que buscam produzir animais mais calmos, mais fáceis de montar e mais comerciáveis. O aumento do bem-estar e da segurança no manejo são fatores que influenciam diretamente na diminuição do risco de acidentes de manejo e facilitam o trabalho de ferreiros e veterinários (King *et al.*, 2019).

Os protocolos de manejo de potros visam reduzir o medo e o estresse que estes animais podem desenvolver em relação ao contato com humanos. Uma forma bastante conhecida é a do manejo neonatal. Grasso *et al.* (2005) manusearam potros em um curto período, comparando potros expostos ao contato intenso com seres humanos, em diferentes períodos, desde o nascimento e potros que não foram expostos a este contato. Os autores concluíram que quanto mais cedo os potros são submetidos aos estímulos, mais rápida se torna a dessensibilização. Quanto aos efeitos, (Lansade; Bertrand; Bouissou, 2005) sustentaram que são apenas temporários, embora ocorram ganhos reais no que se refere à colocação do cabresto, trabalho básico que será realizado por toda a vida do potro.

Em estudo realizado com potros que presenciaram suas mães tendo boas relações com os tratadores, sendo acariciadas e alimentadas, verificou-se que os potros aceitaram facilmente o contato com humanos com duas semanas de vida, e a maioria deles aceitou mais facilmente a colocação de manta sobre o dorso com um mês de vida (Hausberger, 2008). Com estes potros, também era facilitada a aproximação no piquete e o acariciamento por pessoas conhecidas ou desconhecidas.

Estes resultados indicam que o potro é capaz de aprender sem nenhum estresse, por meio de boas práticas que visualizou serem realizadas na mãe; sugerem, também, que uma relação positiva entre as mães e os humanos, observadas pelos potros, podem ser a chave para enfatizar a melhoria do manejo deles.

Assim, o treinamento de cavalos inicia-se com boas práticas desde potros, como afirmado por Xenofonte.

4.3 Acostumar o potro a ruídos, sons, presença de multidões e estímulos visuais, sem crueldade

A dessensibilização pode ser considerada como a mais eficaz das formas para habituar cavalos a estímulos assustadores. Aumentar gradualmente a intensidade do estímulo é mais benéfico do que expor o animal à intensidade total. Uma abordagem voluntária também tem menos eficácia do que uma abordagem conduzida por reforço negativo (Christensen, 2013). Embora o reforço negativo aumente os níveis de estresse, foi mais eficaz e facilitou a habituação nos estudos realizados por Christensen (2013). A habilidade do condutor e sua capacidade de manter a calma ao conduzir os cavalos são fatores que interferem nos resultados.

Outro método de habituação bastante utilizado é a presença de um cavalo mais experiente no treinamento. Na região Sul do Brasil, culturalmente, este cavalo é chamado de madrinha e tem como função demonstrar a tarefa ao cavalo inexperiente. Em testes realizados por Rorvang, Ahrendt e Christensen (2015) foi identificado um efeito calmante nesta prática. Os cavalos que observaram cavalos mais experientes realizarem as tarefas tiveram frequência cardíaca mais baixa do que aqueles que não puderam observar a execução da tarefa por outro cavalo.

Assim, a dessensibilização descrita e utilizada atualmente já havia sido percebida por Xenofonte como técnica aliada ao treinamento de cavalos.

4.4 Atuar com pressão e alívio

Esta técnica é a base do reforço negativo amplamente utilizada no treinamento de cavalos. O reforço negativo consiste na subtração de um estímulo que resulta em uma mudança comportamental (McClean; Christensen, 2017). Ele é geralmente utilizado quando o animal está em contato tátil direto com o treinador, como é o caso da montaria, na qual o treinador se vale do contato com as rédeas na boca do cavalo e a ação de suas pernas

para indicar sinais a ele. Ao realizar o comando, o cavalo tem alívio imediato da pressão provocada pela pessoa que o está montando.

No treinamento de cavalos, utiliza-se, de forma majoritária, o condicionamento operante caracterizado por tentativa e erro. O condicionamento operante se divide em dois fluxos de aprendizagem: reforço positivo e negativo. A principal técnica utilizada é a do reforço negativo. Como recomendava Xenofonte, a pressão é retirada desde que o comportamento desejado seja manifestado, como forma de recompensa, o que é corroborado pela pesquisa de McLean e Christensen (2017).

Em sentido prático, a pressão exercida pelas pernas do treinador é aliviada ao primeiro sinal de início de marcha pelo cavalo. O mesmo princípio é utilizado para ensinar o animal a parar; a pressão exercida pelo treinador nas rédeas vai aumentando até que o animal fique imóvel, momento este que é sucedido pelo alívio da pressão nas rédeas. É evidente que a má execução, que ocorre por falta de sensibilidade ou habilidade do treinador, pode gerar problemas nessa comunicação, causando dessensibilização aos sinais de pressão, tornando os cavalos menos responsivos a estes estímulos (Fenner *et al.*, 2019).

A pressão e o alívio descritos por Xenofonte vêm ao encontro da definição de reforço negativo, dentro dos conceitos atuais da teoria da aprendizagem.

4.5 Não forçar o cavalo a enfrentar objetos desconhecidos e não chicotear ou bater, pois o animal associa o objeto à dor. Conduzir o cavalo suavemente e mostrar para ele o objeto

Cavalos tendem a ter respostas de fuga diante de situações inesperadas. Os cavalos, por meio da habituação, podem aprender a memorizar objetos e situações que se mostraram inofensivas. Nesse contexto, mesmo diante de situações ameaçadoras que lhes causem medo, os cavalos aprendem a não empreenderem fuga quando montados ou presos. Gorecka *et al.* (2007) defenderam que relações de qualidade entre humano-equino podem reduzir a aversividade percebida de eventos traumáticos, numa relação de confiança dos cavalos para com humanos. Xenofonte estava

correto quando afirmou que a punição agressiva deveria ser evitada em treinamento de habituação de cavalos com objetos novos. Na realidade, em todas as situações do treinamento, deve-se evitar uma punição violenta.

Schmidek (2018), contudo, destaca que punição não é sinônimo de agressão. A punição é eficaz, porém deve ser aplicada no momento correto, e os casos de excessos são um verdadeiro problema. Para sua eficácia, a punição deve ocorrer um segundo, no máximo dois, após a manifestação de um comportamento indesejado. Punição não violenta é positiva quando se adiciona algo que o cavalo rejeita, para que ele interrompa ou não repita o comportamento indesejado; a punição negativa é quando se subtrai algo aprazível do cavalo, para que o comportamento praticado seja desestimulado. Entretanto, a punição como conceito de aprendizagem é mais raramente utilizada para ensinar um cavalo, preferindo-se os conceitos de reforço positivo (recompensa, alimento ou não) ou negativo (pressão e alívio).

Há sempre o risco de o animal realizar uma associação incorreta entre a punição e outro aspecto da situação. Um exemplo simples que demonstra isso é o dos cavaleiros que não conseguem acompanhar seus cavalos durante qualquer um dos momentos do salto, seja na batida, seja no planar, seja na recepção, por ficarem sentados e não realizarem o gesto de salto (moverem seu tronco para adiante, para acompanhar o movimento de balsa que o cavalo realiza), ocasionando um golpe na boca do animal, em razão desse desequilíbrio causado pela ação das rédeas, as quais não foram cedidas para que o cavalo realizasse o movimento de balsa necessário. A repetição desses momentos incômodos e dolorosos, pela imperícia do cavaleiro em fazer ceder a mão e acompanhar o cavalo, gera traumas e aversão ao salto. Da mesma forma, cavaleiros que agridem seus cavalos por não ultrapassarem uma barreira ou por não se aproximarem de um objeto podem causar aversão à barreira ou ao próprio objeto, devido à associação que o cavalo fez entre a punição recebida e a situação em si (Waran; McGreevy; Casey, 2002).

De outra forma, uma presença gentil do ser humano foi fator tranquilizador para cavalos que foram desafiados a explorar um objeto novo (Gorecka *et al.*, 2007). Além disso, os pesquisadores concluíram que a presença humana com manuseio gentil facilitou a abordagem dos cavalos ao

novo objeto, sem resposta de estresse do sistema cardiovascular. A interação gentil com o ser humano foi decisiva para a abordagem do novo objeto, apoiando a ideia de que a qualidade das relações entre humanos e equinos é fator de promoção do desempenho nas atividades (Gorecka *et al.*, 2007).

A punição violenta já era percebida por Xenofonte como uma prática a ser evitada por não trazer bons resultados, ao contrário da dessensibilização, a qual ele indicava ser uma prática gentil e positiva, descrita também no item anterior.

4.6 Regra de ouro. Evitar treinadores que expressam raiva diante dos cavalos

A manifestação do sentimento da raiva pode ocorrer de variadas formas. A raiva, quando canalizada para agressões ou ações que resultem em sofrimento físico ou psicológico, é, desde já, refutada, não sendo, de qualquer maneira, aceitável nas relações com os cavalos. A aceitação da afirmação de que os cavalos são seres sencientes torna a violência inaceitável em nossas inter-relações. É bastante provável que Xenofonte estivesse se referindo a um grau de violência que hoje causaria espanto em treinadores, a julgar pelo padrão de equipamentos utilizados em seu tempo. Contudo, a raiva humana influencia a percepção dos cavalos sob outros aspectos. Lansade *et al.* (2021) identificaram que, por meio da fala dirigida a animais de estimação, cavalos responderam com mais atenção, calma e realizaram com mais eficiência uma tarefa que consistia em encontrar comida. Em pesquisa sobre a reação dos equinos diante da vocalização agressiva e positiva, cavalos ficaram paralisados e aumentaram o comportamento de vigilância ao ouvirem vocalizações não verbais de rosnados humanos que evidenciavam raiva (Smith *et al.*, 2018). Os cavalos têm, ainda, a capacidade de discriminar diferentes expressões faciais e utilizá-las para regular interações sociais com seus coespecíficos (Wathan *et al.*, 2016) e, com os seres humanos, parece ocorrer da mesma forma. Smith *et al.* (2016) conduziram estudo, o qual revelou que, ao visualizarem fotografias de um humano expressando raiva, cavalos tiveram um aumento na frequência cardíaca e viés de olho esquerdo, um indicativo de percepção de estímulo negativo. Nakamura, Takimoto-Inose

e Hasegawa (2018) também correlacionaram essa capacidade dos equinos de identificarem diferentes expressões vocais e faciais, reagindo de forma diferente diante de expressões positivas e negativas.

A regra de ouro estabelecida por Xenofonte encontra amparo científico, mormente, quando assumimos que as relações com os humanos criam memórias, e estas memórias podem ser generalizadas para outros seres humanos (Fureix *et al.*, 2009).

4.7 Quando o cavalo faz o que deseja agrada-o; quando é desobediente castiga-o

Tanto o “agradar” como o “punir” já foram discutidos nos itens anteriores, como o reforço positivo e a punição positiva ou negativa dentro dos conceitos da teoria da aprendizagem. Entretanto, este tema foi escolhido pela intenção dentro da mensagem. Essa afirmação norteia as relações com cavalos mesmo antes de Xenofonte, e, segundo Waran, McGreevy e Casey (2002), poucas mudanças ocorreram desde a domesticação dos cavalos. Bons treinadores são claros e consistentes nos sinais que transmitem aos cavalos (McGreevy; Mclean, 2009). O estímulo praticado em nome da punição pode ser desproporcional e muito maior do que o problema apresentado pelo cavalo (McGreevy; Mclean, 2009), podendo ser facilmente confundido com violência, mesmo nos dias atuais, em que práticas violentas com qualquer animal são fortemente rejeitadas pela sociedade consciente da sensibilidade animal.

Muitas vezes, o treinador não tem sensibilidade ou habilidade suficientes para punir no exato momento e na moderação necessária, agindo de forma excessiva e com frequência desmedida, e gerando, eventualmente, situação de desamparo aprendido, que é a perda do controle ativo por parte do indivíduo, o qual não tenta mais reagir aos estímulos aversivos e inevitáveis a que está sendo submetido; é a aceitação passiva daquilo que lhe causa mal ou desconforto, por simples desistência (McGreevy; Mclean, 2009).

É bastante improvável a possibilidade de treinar e montar cavalos sem que pressão seja exercida sobre eles; afinal, a participação voluntária

de cavalos em atividades que desafiam a sua própria natureza, embora relatadas por treinadores, carece de comprovação. O treinamento incide justamente nisso, na supressão de comportamentos naturais indesejados e na substituição pela formação de um novo comportamento desejado pelo homem (McClean; Christensen, 2017). A importância da questão está no grau de pressão e no tipo de estímulos a que estão submetidos os cavalos. Qual o nível de pressão para uma equitação ética? (McGreevy; Mclean, 2009) Esse é um questionamento ainda sem resposta. Por outro lado, agradar o cavalo por um comportamento desejado também significa respeitar o tempo certo, para que o cavalo entenda tal atitude como recompensa.

Neste tema, Xenofonte antecipa conceitos muito utilizados em treinamentos de cavalos que praticam a teoria da aprendizagem.

5 CONCLUSÃO

A percepção de Xenofonte para uma necessária observância do comportamento equino no sucesso para o treinamento, ou da criação de boas relações entre seres humanos e equinos para um bom desempenho, parece ser inovadora àquela época e digna de destaque. Das sete afirmações feitas pelo General grego, em seu manual sobre o treinamento de cavalos, selecionadas para o presente estudo, todas têm amparo na literatura científica atual. Não parece forçoso afirmar que Xenofonte é o precursor do *horsemanship*. Entretanto, futuros estudos devem ser feitos para verificação da motivação, para escolha ou rejeição de práticas com cavalos, que sejam milenares ao mesmo tempo que dispõem de amparo científico, por parte das pessoas que treinam ou praticam montaria em cavalos.

REFERÊNCIAS

BENGTSSON, M. How to plan perform a qualitative study using content analysis. *Nursing Plus Open*, [s.l.], v. 2, p. 8-14, 2016.

BOOT, M.; MCGREEVY, P. D. The X files: Xenophon re-examined through the lens of equitation Science. *Journal of Veterinary Behavior*, [s.l.], v. 8, n. 5, p. 367-75, 2013.

CHRISTENSEN, J. W.; ZHARKIKH, T.; CHOVAUX, E. Object recognition and

generalisation during habituation in horses. *Applied Animal Behaviour Science*, [s.l.], v. 129, p. 83-91, 2011.

CHRISTENSEN, J. W. Object habituation in horses: the effect of voluntary vs. negatively reinforced approach to frightening stimuli. *Equine Veterinary Journal*, [s.l.], v. 45, p. 298-301, 2013. Doi: <https://doi:10.1111/j.2042-3306.2012.00629.x>

ELLIS, S.; GREENING, L. Positively reinforcing an operant task using tactile stimulation and food – a comparison in horses using clicker training. *Journal of Veterinary Behavior*, [s.l.], v. 15, n. 78, 2016.

FENNER, K.; FREIRE, R.; MCLEAN, A.; MCGREEVY, P. Behavioral, demographic, and management influences on equine responses to negative reinforcement. *Journal of Veterinary Behavior*, [s.l.], v. 29, p. 11-7, 2019.

FUREIX, C.; JEGO, P.; SANKEY, C.; HAUSBERGER, M. How horses (*Equus caballus*) see the world: humans as significant “objects”. *Animal Cognition*, [s.l.], v. 12, p. 643-54, 2009. Doi: <https://doi.10.1007/s10071-009-0223-2>

GÓRECKA, A.; BAKUNIAK, M.; CHUSZCZEWSKI, M. H.; JEZIERSKI, T. A. A note on the habituation to novelty in horses: handler effect. *Animal Science Papers and Reports*, [s.l.], v. 25, n. 3, p. 143-52, 2007.

GRASSO, F.; MIGLIORI, G.; BORDI, A.; MARINARO, F.; NAPOLITANO, F.; ROSA, G. The influence of early handling on the behavioral reaction of foals at 2 months of age. *Italian Journal of Animal Science*, [s.l.], v. 4, p. 409-411, 2005.

HAUSBERGUER, M. A review of the human-horse relationship. *Applied Animal Behaviour Science*, [s.l.], v. 109, p. 1-24, 2008.

LANSADE, L.; BERTRAND, M.; BOUISSOU, M. Effects of neonatal handling on subsequent manageability, reactivity and learning ability of foals. *Applied Animal Behaviour Science*, [s.l.], v. 92, p. 143-58, 2005.

LANSADE, L.; TRÖSCH, M.; PARIAS, C.; BLANCHARD, A.; GORUSURRETA, E.; CALABDREAU, L. Horses are sensitive to baby talk: pet-directed speech facilitates communication with humans in a pointing task and during grooming. *Animal Cognition*, [s.l.], v. 24, p. 999-1006, 2021. Doi: <https://doi:10.1007/s10071-021-01487-3>

KING, S.; WILLS, L.; RANDLE, H. Early training of foals using the ISES training principles. *Journal of Veterinary Behavior*, [s.l.], v. 29, p. 140-46, 2019.

MCGREEVY, P. D. The advent of equitation science. *The Veterinary Journal*, [s.l.], v. 174, n. 3, p. 492-500, 2007.

MCGREEVY, P. D.; MCLEAN, A. N. Punishment in horse-training and the concept of ethical equitation. *Journal of Veterinary Behavior*, [s.l.], v. 4, n. 5, p. 193-97, 2009.

MCLEAN, A. N.; CHRISTENSEN, J. W. The application of learning theory in horse training. *Applied Animal Behaviour Science*, [s.l.], v. 190, p. 18-27, 2017.

NAKAMURA, K.; TAKIMOTO-INOSE, A.; HASEGAWA, T. Cross-modal perception of human emotion in domestic horses (*Equus caballus*). *Science Report*, [s.l.], v. 8, 2018. Doi: <https://doi.org/10.1038/s41598-018-26892-6>

RORVANG, M. V.; AHRENDT, L. P.; CHRISTENSEN, J. W. A trained demonstrator has a calming effect on naïve horses when crossing a novel surface. *Applied Animal Behaviour Science*, Aarhus, v. 171, p. 117-20, 2015.

SANKEY, C.; RICHARD-YRIS, M. A.; LEROY, H.; HENRY, S.; HAUSBERGUER, M. Positive interactions lead to lasting positive memories in horses, *equus caballus*. *Animal Behaviour*, [s.l.], v. 79, p. 869-875, 2010a.

SANKEY, C.; HENRY, S.; GORECKA-BRUZDA, A.; RICHARD-YRIS, M.A.; HAUSBERGUER, M. The way to a man's heart is through his stomach: what about horses? *Plos one*, [s.l.], v. 5, 2010b. Doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0015446>

SCHMIDEK, A. Otimizando o desempenho e o bem-estar de equinos em atividades desportivas. *Revista Brasileira de Zootecias*, Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 227-48, 2018.

SMITH, A. V.; PROOPS, L.; GROUNDS, K.; WATHAN, J.; MCCOMB, K. Functionally relevant responses to human facial expressions of emotion in the domestic horse (*Equus caballus*). *Biology Letters*, [s.l.], v. 12, 2016. Doi: <http://dx.doi.org/10.1098/rsbl.2015.0907>

SMITH, A. M.; PROOPS, L.; GROUNDS, K.; WATHAN, J.; SCOTT, S. K; MCCOMB, K. Domestic horses (*Equus caballus*) discriminate between negative and positive human nonverbal vocalisations. *Scientific Reports*, [s.l.], v. 8, 2018. Doi: <https://doi.org/10.1038/s41598-018-30777-z>

WARAN, N. K.; MCGREEVY, P.; CASEY, R. A. Training methods and horse welfare. In: WARAN, N. K. (Ed.). *The welfare of horses*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002.

O precursor do horsemanship: análise comparativa de métodos descritos por xenofonte com métodos contemporâneos de treinamento

WATHAN, J.; PROOPS, L.; GROUNDS, K.; MCCOMB, K. Horses discriminate between facial expressions of conspecifics. *Scientific Reports*, [s.l.], v. 6, 2016.

